

A ausência proposital da imagem do locutor não é mero acaso, mas um gesto consciente que rompe com a lógica tradicional da comunicação visual. Ao suprimir a figura, evita-se que o interlocutor estabeleça vínculos emocionais baseados em características físicas, expressões faciais ou gestos. Essa estratégia desloca o foco da pessoa para a mensagem, protegendo o conteúdo de interpretações enviesadas pela aparência ou pelo carisma.

Mais do que um recurso estético, trata-se de um posicionamento ético: não oferecer um rosto para ocupar o “lugar do suposto saber”. Esse conceito, amplamente discutido na psicanálise, aponta para a tendência de atribuir autoridade e legitimidade não necessariamente ao que é dito, mas a quem se imagina que está dizendo. Ao retirar a imagem, desativa-se essa transferência emocional — aquela inclinação a confiar, admirar ou seguir pelo afeto e não pelo argumento.

Assim, o discurso ganha autonomia. Ele não se apoia na sedução visual nem na presença física; sustenta-se na clareza, na consistência e na força de suas ideias. Nesse vazio imagético, o ouvinte é convocado a um exercício mais ativo: ouvir para compreender, e não para venerar.

MANIFESTO

Aqui buscamos cumprir a vontade de Deus mais do que os costumes.

Aqui buscamos através de suas palavras o templo e o sacerdote interior mais do que edifícios, fachadas e títulos.

Aqui buscamos através das mesmas palavras comportamento mais do que discursos e rituais.

Aqui buscamos o semelhante mais que a hierarquia.

Aqui buscamos a caridade, estar presente, mais do que ofertas e seus valores.

Aqui o que importa é o humanamente divino e seus destinos.

Aqui se edifica a Deus!